

História e cinema: As representações da escravidão e do tráfico negreiro no filme *Amistad* de 1997

History and cinema: Representations of slavery and slave traffic in the film *Amistad*, 1997

Leonardo Barbosa Barros

Graduado em História

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

leobarroshistoriador@gmail.com

Recebido em: 27/06/2022

Aprovado em: 15/08/2022

Resumo: Este artigo se propõe a fazer uma análise das representações sociais e históricas presentes no filme *Amistad* (1997), dirigido pelo diretor Steven Spielberg. Serão analisadas as cenas, os cenários e narrativas construídas pelo longa-metragem. Pretende-se entender como são representados os acontecimentos, o contexto histórico, os personagens, as hierarquias sociais e valores do século XIX. Serão analisadas também as relações entre fatos históricos e os ficcionais presentes, identificando os limites e as potencialidades do cinema como fonte histórica.

Palavras-chave: História; Representações; Cinema.

Resumen/Abstract: This article proposes to analyze the social and historical representations present in the film *Amistad* (1997), directed by director Steven Spielberg. The scenes, scenarios and narratives constructed by the feature film will be analyzed. It is intended to understand how the events, the historical context, the characters, the social hierarchies and values of the 19th century are represented. The relationships between historical and fictional facts will also be analyzed, identifying the limits and potential of cinema as a historical source.

Palabras clave/Keywords: History; Representations; Movie theater.

Introdução

A fonte histórica analisada nesse artigo é o filme *Amistad* (1997), dirigido por Steven Spielberg um premiado diretor, produtor e roteirista norte-americano, conhecido por grandes sucessos do cinema, como os filmes *Tubarão*, *A cor Púrpura*, *A lista de Schindler*, *Guerra dos Mundos*, *Jurassic Park: O Parque dos Dinossauros*, *Indiana Jones e os Caçadores da Arca Perdida*, *E.T.: O Extraterrestre*, *O Resgate do*

Soldado Ryan entre outros. Já o roteirista do filme *Amistad* é David Franzoni o mesmo roteirista de outro filme de sucesso *Gladiador*.

Amistad foi lançado em 10 de dezembro de 1997, tem duração de 2 horas e 32 minutos. Em relação a crítica e ao público o filme teve uma recepção favorável, recebendo 4 indicações ao Oscar, nas categorias: melhor ator coadjuvante (Anthony Hopkins), melhor fotografia, melhor figurino e melhor trilha sonora. Também recebeu 4 indicações ao Globo de Ouro, nas categorias: melhor filme, melhor diretor, melhor ator (Djimon Hounsou) e melhor ator coadjuvante (Anthony Hopkins). Pinheiro (2018), explica o contexto em que o filme foi lançado:

Amistad foi lançado em 1997, ano em que um intenso debate tomou conta da sociedade americana em torno da seguinte questão: os Estados Unidos deveriam pedir perdão pela escravidão? A ideia de um pedido formal de desculpas partiu do congressista democrata branco de Ohio Tony Hall, em junho daquele ano. A Resolution Apologizing for Slavery foi proposta, de acordo com o congressista, após a constatação de que até aquele ano, nunca houve um pedido oficial de desculpas pela escravidão por parte do governo dos Estados Unidos (PINHEIRO, 2018, p. 73).

O longa metragem custou US\$ 36 milhões para ser produzido e teve a receita de US\$ 44,2 milhões. Na avaliação do site *rotten tomatoes*¹ o filme recebe a aprovação de 77% de críticos de cinema e 79% do público geral. *Amistad* não teve o sucesso que a produtora esperava, também não conquistou os prêmios importantes, mas sem dúvidas é um filme importante por abordar temas relevantes e pouco conhecido pelo grande público, como a escravidão e o tráfico negreiro. “Foram investidos US\$ 40 milhões em produção e promoção, orçamento relativamente baixo para produções históricas e para filmes assinados por Spielberg, mas o filme não obteve o retorno esperado nas bilheteria, tanto nos Estados Unidos quanto no exterior” (PINHEIRO, 2018, p. 38).

O filme conta com atores renomados como Morgan Freeman, que interpreta o jornalista, abolicionista negro livre (Joadson) personagem criado para o filme; Matthew McConaughey faz o jovem advogado (Roger Baldwin); Anthony Hopkins interpreta o senador e ex-presidente dos Estados Unidos, (John Quincy Addams) e Djimon Hounsou interpreta o protagonista (Cinque) sua atuação foi elogiada pelos críticos de cinema.

¹ Um website americano, agregador de críticas de cinema e televisão.

Os figurinos, efeitos sonoros, cenários, são bem fiéis na representação do século XIX. O figurino é de Ruth E. Carter, que condiz com o período abordado e que se modifica de acordo com os ambientes e situações que vão aparecendo na trama, dialogando com a narrativa do filme. A trilha sonora é de John Williams e ajuda na ambientação e na carga dramática do enredo. “O filme *Amistad* (1997) mobiliza recursos de imagem e som dentro dos códigos do melodrama e das marcas autorais de Spielberg para representar um evento histórico” (PINHEIRO, 2018, p. 34).

Para a análise do contexto histórico, utiliza-se historiadores como Robin Blackburn (2003), que estuda o escravismo nas Américas por meio das conexões atlânticas, abordando os motivos da escravidão ter sido instaurada pelas potências europeias e também o destino dos africanos que cruzaram o oceano Atlântico entre 1500 e 1870. O autor será importante para entender as dimensões e como era feito o tráfico de cativos no século XIX.

Outro autor utilizado é Dale T. Graden (2007), que analisa o papel dos comerciantes e negociantes dos Estados Unidos no tráfico negreiro e na construção de navios que transportaram milhares de escravos para o Brasil e para o Caribe. Para ele, o comércio desses cativos bancou o enriquecimento de muitos americanos com a construção de navios no século XIX. O historiador utiliza depoimentos de comandantes de navios e da tripulação, fontes importantes para o estudo do comércio transatlântico de escravos. O autor contribuirá no entendimento do tráfico negreiro para Cuba e o papel dos Estados Unidos nesse contexto.

Recorremos ainda a Leonardo Marques (2016), que analisa o papel dos Estados Unidos na organização de expedições negreiras entre os anos de 1850 e 1867, que foram responsáveis pelo desembarque ilegal de aproximadamente 170.000 africanos escravizados em Cuba. O pensador discute as transformações que ocorreram após a supressão do tráfico de escravos para o Brasil na década de 1850 e as características e estratégias dos contrabandistas que se estabeleceram em Nova Iorque. Outro ponto que o pesquisador trabalha são as tensões locais, nacionais e internacionais geradas pelo estabelecimento dos traficantes nos Estados Unidos e o processo de desmantelamento das bases de organização do contrabando negreiro.

Já Rafael Marquese e Ricardo Salles (2016) discorrem sobre a escravidão negra nas Américas ao longo do século XIX. Eles analisam o declínio desse modelo de regime de trabalho em algumas áreas da América devido aos movimentos abolicionistas, mas paralelamente estava crescendo no Sul

dos Estados Unidos, Cuba e Brasil. Esses três lugares utilizavam a mão de obra escrava africana em larga escala. Os autores buscam entender as causas do aumento na procura de escravos por esses lugares, permitindo entender o contexto em que é ambientado o filme no momento de crise do escravismo no mundo.

Contexto histórico e os debates das questões abordadas no filme

O longa-metragem *Amistad* é um drama jurídico histórico baseado em eventos reais, que ocorreram no ano de 1839, vinte e dois anos antes da Guerra Civil considerada a maior guerra civil do século XIX e que deixou um saldo de 600 mil mortos. O filme conta a rebelião de 53 homens e mulheres e quatro criança da etnia Mende vindos da África Ocidental onde formam sequestrados em Serra Leoa e levados em um navio negreiro para Havana na ilha de Cuba, onde foram comprados por traficantes de escravos espanhóis e embarcados no navio *La Amistad*, sob a bandeira da Espanha. Eles se rebelam no navio, alguns dias após terem sido adquiridos em leilão na costa cubana.

A revolta foi liderada Joseph Cinqué Sengbe Pieh, um homem negro africano da etnia Mende, agricultor de arroz, pai de três filhos. Durante a insurreição, os africanos mataram quase toda a tripulação, deixando vivos apenas dois tripulantes para navegarem de volta para a África. Mas os dois marinheiros os enganaram e levaram o navio para a costa de Connecticut nos Estados Unidos. “Os africanos ordenam aos seus captores que o navio volte para a África, porém após dois meses navegando, a embarcação é capturada pela Marinha dos Estados Unidos no litoral de Long Island e o grupo é preso na cidade de New Haven (Connecticut).” (PINHEIRO, 2018, p. 34).

...a revolta dos africanos escravizados no navio espanhol *La Amistad*, ocorrida em 1839. Após libertar a si, Cinque (Djimon Hounsou) e seus companheiros arrombam uma caixa com machados e facões e sobem ao convés, onde assassinam a tripulação. A sequência é construída com planos breves, parcialmente iluminados por clarões, apenas com som ambiente e gritos em espanhol. Os marinheiros são mortos com violência: um deles é trucidado por vários africanos no chão (PINHEIRO, 2018, p. 41).

A primeira cena do filme se passa no navio espanhol *La Amistad*, à noite, durante uma tempestade, escuta-se o som da respiração de Cinque, ruído de madeira do choque das ondas no casco do navio e o som de trovões. A fotografia escura, azulada da noite remetem ao peso e a tristeza que marcam o enredo e passa a sensação claustrofóbica do ambiente fechado do porão do navio.

A câmera fechada foca no rosto de Cinque, o suor escorre pelo seu rosto e as rugas na face demonstram tensão daquele momento, seus dedos sagram ao tirar um prego de ferro cravado em um

pedaço de madeira no chão do porão do navio. “*Amistad* é um filme em que a câmera permanece estática na maior parte das cenas, estilo pouco visto até então nos filmes de Spielberg.” (PINHEIRO, 2018, p. 34).

Escuta-se a canção *Dry Your Tears Africa*, com vozes e instrumentos de percussão, a música passa a sensação de tristeza. Assim, Cinque consegue se soltar das correntes e liberta os outros cativos. As imagens do motim são violentas, representam a dor, o ódio, a vingança, a raiva, a morte e o desespero que os escravizados estavam passando.

Figura 1. Momento em que Cinque consegue retirar o prego e se libertar



Fonte: AMISTAD, 1997.

Figura 2. Momento em que Cinqué mata o capitão do navio *La Amistad*.



Fonte: AMISTAD, 1997.

As cenas do navio *La Amistad* representam, os episódios de rebeliões de escravizados que ocorriam no período. Segundo Rodrigues (2005), nos navios negreiros os escravizados resistiram à captura, com os motins e os suicídios, como a cena de uma mulher que comete suicídio se jogando ao mar junto com um bebê de colo. “Negros embarcados sublevaram-se, arrombaram o paiol onde estavam as armas e munições e ocuparam o convés do navio. Apesar da resistência dos tripulantes que abriram fogo contra os rebelados e mataram alguns deles” (RODRIGUES, 2005, p. 223).

De acordo com Graden (2007), os riscos de rebelião nos navios negreiros eram grandes, mas apesar dos perigos, os traficantes persistiam na prática, pois o tráfico negreiro era um comércio muito lucrativo.

Após a rebelião os africanos foram capturados no litoral dos Estados Unidos pela Guarda Costeira americana e foram presos acusados dos crimes de assassinato, motim e pirataria. Na cadeia, foram humilhados pelos soldados e hostilizados por parte da população, chamados de “pretos nojentos”, “safados”, “sem vergonha”, “fedorentos” e “porcos”. Mostrando o preconceito racial de parte da sociedade americana.

No tribunal ocorreu uma disputa pela “posse” dos cativos. Uma das pessoas que alegavam o direito de propriedade era a rainha da Espanha Isabel II (Anna Paquin), que afirmava que a embarcação era de bandeira espanhola, então o que tinha nele era de sua propriedade. Outros que disputavam a posse eram os espanhóis José Ruiz e Pedro Montez, que compraram os 53 africanos. Eles alegavam que tinham adquirido os negros em Cuba, onde prisioneiros já eram escravos. Portanto, segundo eles, o negócio foi realizado de maneira legal. Os oficiais norte-americanos que apreenderam o barco também ambicionavam a posse com o intuito de vendê-los.

Nos tribunais os africanos receberam ajuda de abolicionistas como o jornalista Theodore Joadson (Morgan Freeman) um personagem negro que foi criado para o filme, Roger Baldwin (Matthew McConaughey) é representado como um jovem advogado inexperiente e com um senso de humanismo crescente à medida que se envolve com a causa dos africanos, mas na vida real ele era um advogado de meia idade bem estabelecido, com profundas convicções antiescravagistas, John Quincy Addams (Anthony Hopkins) é o senador e ex-presidente dos Estados Unidos. “o aprisionamento dos africanos em solo americano, o envolvimento de abolicionistas, os interesses políticos e comerciais no caso, as dificuldades de entendimento entre americanos e africanos” (PINHEIRO, 2018, p. 35).

Em uma cena Joadson, tenta convencer o ex-presidente Adams a defender os africanos dizendo as seguintes palavras:

O senhor ainda era criança quando seu pai inventou a América que o senhor ajudou a aperfeiçoar. O trabalho dos Founding Fathers não está completo, ainda resta uma tarefa a fazer, uma tarefa que eles deixaram a seus filhos antes que as treze colônias fossem chamadas de Estados Unidos. Esta tarefa é acabar com a escravidão. Mesmo não admitindo, o senhor é um abolicionista (AMISTAD, 1997).

Os abolicionistas foram auxiliados pelo intérprete Ensign Covey (Chiwetel Ejiofor), que auxilia na comunicação com Cinque (Djimon Hounsou), nas disputas judiciais. Os africanos tiveram como adversários o promotor, Holabird (Pete Postlethwait), a Rainha da Espanha Isabel II (Anna Paquin), os oficiais do navio americano que capturam, os escravocratas do Sul e o presidente dos Estados Unidos Martin Van Buren (Nigel Hawthorne).

Nos tribunais eles enfrentaram o promotor Holabird (Pete Postlethwait), se referia aos negros de forma pejorativa, chamando-os de selvagens. Afirmando também que os cativos eram cruéis assassinos, selvagens predadores, vilões e desumanos. Ele classificou o motim de carnificina, massacre e banho de sangue. Já os traficantes espanhóis que compraram, castigaram e mataram dezenas de escravizados são representados por ele como heróis, vítimas e cristãos.

Vendo a dificuldade deles de se comunicarem no tribunal porque não falam espanhol, o promotor diz que eles "preferem falar com seus dialetos simples". Os argumentos do promotor levantavam algumas questões que permeavam o pensamento que ganharam força no século XIX, como as teorias raciais, que jugavam as pessoas negras como inferiores e propensas a violência. Esses eram argumentos muito utilizados por escravagistas para justificar a prática de exploração dos povos africanos. "Os senhores de escravos do século XIX promoveram novos preceitos doutrinas relacionadas à raça, à propriedade e aos interesses nacionais foram defendidas para justificar a posse de escravos e conter os desafios abolicionistas" (MARQUESE; SALLES, 2016, p. 21).

O promotor argumenta que os africanos também praticavam a escravidão na África e por isso, estavam acostumados a serem escravos. Esses argumentos estão presentes até os dias atuais, mas deve-se entender que a escravidão praticada na África era diferente da realizada pelos europeus, que transformaram essa prática em um grande comércio, com a utilização de métodos mercantis e com muita crueldade.

O promotor Hollabird argumenta que tribos africanas mantêm escravos, gerando uma discussão com o tradutor. Covey explica que tanto a palavra escravo, quanto trabalhador, apresentam significados próximos no idioma mende - uma questão semântica que envolve uma compreensão mínima do que era ser escravo na África (PINHEIRO, 2018, p. 61).

Na África realmente existiu a escravidão, mas era conhecida como escravidão doméstica ou de parentesco. Segundo Talita Tavares Batista Amaral de Souza (2003), na escravidão doméstica africana, as pessoas podiam se tornarem escravos devido a punição por algum crime, por dívidas ou prisioneiros de guerras entre povos rivais. Os cativos eram reunidos ao núcleo familiar e seus filhos deixavam de ser escravos e passavam a ser membros da comunidade. Eles podiam ter acesso à terra e casar-se com pessoas da comunidade e passavam a ser membros da família do seu proprietário. Os cativos eram incorporados ao grupo familiar e seus descendentes deixavam de ser escravos. (SOUZA, 2003).

O advogado Roger Baldwin conseguiu uma autorização para inspecionar o *La Amistad* em busca de documentos que comprovem a origem dos africanos, ele consegue achar o inventário da carga do navio que provava que os africanos não tinham nascido em Cuba, mas em Serra Leoa na África, um protetorado da Inglaterra que tinha decretado ilegal o tráfico naquelas águas.

No segundo julgamento os abolicionistas tiveram ajuda de um intérprete que falava a língua Mende, Cinque conta a sua jornada, desde sua vida pacata na sua comunidade na África, sua captura por outros negros, vendido aos Espanhóis e a viagem no navio negreiro, essas cenas aparecem em forma de flashbacks e se passam no navio português *Tecora*, as cenas são brutais e demonstram com certa fidelidade as tortura e humilhação que os negros passavam no navio negreiro.

Em *Amistad*, Cinque é tanto protagonista quanto testemunha da crueldade dos marinheiros do navio *Tecora*. Há momentos em que nós o vemos propositalmente diante dos acontecimentos, quando, por exemplo, dois africanos são torturados e sangue espirra em Cinque (PINHEIRO, 2018, p. 384).

Nos flashbacks mostra as cenas em que eles foram capturados com redes por outros nativos de uma etnia rival e forçados a caminhar até a Fortaleza de Lomboko um entreposto onde eram vendidos para os traficantes, um lugar conhecido como fábrica de escravos, devido ser um entreposto onde ocorria a comercialização de uma grande quantidade de escravos, localizada em Serra Leoa. De acordo com Graden (2007), os africanos após serem capturados eram acorrentados e forçados a caminhar até o litoral, onde ficava os entrepostos que ocorriam as trocas deles por produtos como algodão, tabaco e armas, com traficantes europeus e americanos que se estabeleciam no litoral africano.

As condições de captura e transportes de africanos eram as piores possíveis, pois depois de aprisionados em guerras entre etnias rivais, os escravizados eram acorrentados e vendidos aos comerciantes europeus, americanos ou africanos, que se estabeleciam no litoral africano (LOPES, 2016).

O navio português *Tecora* trouxe os cativos de Lomboko, na África, para de Cuba, as cenas que se passam no navio são as mais cruéis, mostra os africanos sendo açoitados no mastro, o sangue escorrendo pelo convés, as mulheres negras sendo estupradas. Em uma cena mostra uma mulher negra se jogando no mar com um recém-nascido no colo, ela preferia a sua morte e do seu filho a viveram como escravos.

Outra cena que exemplifica a crueldade do tráfico foi quando cerca de cinquenta escravizados entre homens e mulheres foram amarrados nas pedras e jogados ao mar, como uma forma de racionar a comida e a água. Essa prática é confirmada pelo depoimento do capitão da marinha Britânica que explica que muitos navios negreiros jogavam os cativos ao mar para fugirem da fiscalização britânica e para economizar a comida e a água, pois muitas dessas embarcações vinham lotadas de escravizados e não tinham mantimentos para viagens longas.

O oficial britânico, interrogado por Baldwin, afirma que existe uma fortaleza de escravos na costa africana, confirmando verbalmente o que acabamos de ver imageticamente pela memória de Cinque. O militar revela ainda que alguns navios jogam africanos ao mar para não serem capturados pelos britânicos, que patrulhavam os mares para garantir que a abolição do tráfico fosse respeitada (PINHEIRO, 2018, p. 61).

No filme aparece os traficantes alimentando os cativos, mas a comida era escassa e de má qualidade, muitos morriam de fome ou de doenças na travessia. Os porões dos navios negreiros eram quentes e os cativos ficavam amontoados. De acordo com Lopes (2016), os africanos eram transportados nos porões dos navios, que era lugares apertados e muito quentes, a água era suja e os alimentos insuficientes para todos. Devido aos maus tratos e as péssimas condições do transporte, calcula-se que entre 5% e 25% dos africanos morriam durante a viagem. Por esse motivo os navios negreiros eram chamados de túmulos flutuantes, em consequência das altas taxas de mortalidade de africanos transportados.

Segundo Gilberto Freyre (2012), a alimentação nos navios era o bastante para manter os escravos respirando; eram dado um copo água por três dias chegava para impedir a morte por

desidratação calculava-se em média de 4/10, de 800 escravos embarcados, morriam na travessia; e 3/10 no primeiro ano de América.

De acordo com Rodrigues (2018), alimentação era escassa nos navios negreiros, a água quase nunca era potável. A má alimentação, fazia com que doenças, fossem proliferadas. Os porões dos navios onde os escravos ficavam eram escuros, sujos e abarrotados de gente, de tal maneira que até respirar era difícil.

A alimentação continuava a ser má e insuficiente, fermentada pelo calor e pelo azebre das caldeiras de cobre em que era cozinhada. A água, escassa, era saloba, alterada pela má qualidade do vasilhame. A pouca ou nenhuma higiene, juntamente com o intenso calor e a umidade salitrosa, ateavam as epidemias de que nem os marinheiros escapavam. O próprio ar, pouco ou nada ventilado, tornava o ambiente dos porões denso e pestilento; tal como a luz, entrava apenas pelas grades da escotilha, ou por uma ou outra fenda. Os capitães dos navios tinham consciência de quanto esta situação era prejudicial. E, querendo de algum modo minimizar as perdas, mais por interesse do que por humanidade, entre outras medidas, mandavam limpar e esfregar duas vezes por semana a coberta com vinagre e permitiam que os escravos, divididos em grupos, viessem a ferros até ao convés para receber ar fresco (PIMENTEL, 1999, p. 15).

O filme mostra que os africanos foram levados para Cuba, uma ilha do Caribe que era colônia espanhola que utilizava a importação de escravos para as lavouras de cana de açúcar. De acordo com Marques (2016), a produção de cana de açúcar de Cuba absorveu praticamente todos os escravos desembarcados ilegalmente entre 1850 e 1867.

As estimativas atuais são de que o tráfico para a colônia espanhola dobrou entre os anos 1840 e 1850, com o número de escravos desembarcados passando de 68.950 para 111.661. Ainda assim, a lei de 1845 teve impacto importante ao aumentar os preços de escravos, pois tornava necessários os subornos destinados às autoridades locais (MARQUES, 2016, p. 52).

Em Cuba os africanos foram leiloados, onde foram expostos quase nus. Segundo Freyre (2012), os africanos eram obrigados a mostrarem os dentes, arregalarem os olhos, botarem a língua de fora, saltarem, tossirem, rirem, dançarem, mostrarem as cicatrizes e as tatuagens por todo o corpo. Isso porque os compradores escolhiam os cativos pelo estado dos dentes, pela cor da língua, pelo brilho dos olhos, pela flexibilidade dos músculos, pelo ronco do peito, pelas cicatrizes. Os compradores se julgavam capazes de reconhecer a verdadeira condição do escravo, sua idade, sua moral, sua saúde, de avaliar sua capacidade de trabalho.

Os leilões tinham dia marcado para acontecer, os feitores organizavam os escravos para serem expostos conforme a idade, sexo e nacionalidade. Os cativos eram escolhidos pelo comprador e os preços e condições da negociação era acertada com o vendedor. Os saudáveis, do sexo masculino e adultos, normalmente, eram vendidos por preço mais alto do que mulheres e crianças menores de dez anos. Muitos fazendeiros compravam todo um “lote” de escravos e às vezes empenhavam colheitas futuras de café ou açúcar para pagá-los.

A cena do filme mostra os africanos expostos como mercadoria nos leilões, sem roupa e acorrentados. Percebe-se os corpos brilhantes como se estivessem com óleo, pois era uma estratégia dos traficantes para esconder marcas de castigos e de doenças e dar uma imagem mais saudável para o cativo. Os leilões ocorriam em lugares públicos onde as pessoas podiam fazer seus lances. As imagens abaixo mostram o momento do leilão dos cativos, eles sendo exibidos acorrentados pelo pescoço uns aos outros com seus corpos brilhando devido a banha de porco passada para esconder possíveis doenças e marcas de castigos e dar uma aparência mais saudável.

Figura 3. Mostra os cativos sendo expostos para serem leiloados em Cuba.



Fonte: AMISTAD, 1997.

Figura 4. Cinque sendo exibido pelo leiloeiro de escravos.



Fonte: AMISTAD, 1997.

Após o flashback, a cena volta para o julgamento, Cinque se levanta e começa a gritar por liberdade é uma cena emocionante e mostra a vontade de libertar seu povo, ele fala as seguintes palavras “Deixa nós, nós livre!”. A cena vem acompanhada com uma música que aumenta de acordo com os gritos de Cinque, a música traz a carga dramática. Na imagem abaixo esse momento percebe-se a utilização da luz, do ângulo fechado e do figurino, pois nos primeiros julgamentos ele usava trapos, mas no ultimo, por ser na Suprema Corte Cinque utiliza roupas elegantes.

Figura 5. Cinque no julgamento pedido em inglês que os libertem.



Fonte: AMISTAD, 1997.

Após vencerem no segundo julgamento, o presidente dos Estados Unidos Martin Van Buren (Nigel Hawthorne), com ambição de se reeleger e com medo de uma possível Guerra Civil, recorreu e o caso foi levado para a Suprema Corte dos Estados Unidos, a defesa foi feita pelo ex-presidente John Adams, o caso é considerado um marco na trajetória abolicionista. Adams na defesa disse as seguintes palavras:

Este homem é negro, todos podemos ver isso, mas podemos também ver que é verdadeiro? Que ele é o único herói nesta sala. Se fosse branco não estaria aqui lutando por sua vida, se fosse branco e seus escravizadores fossem ingleses ele se curvaria com o peso de medalhas e honrarias e canções seriam escritas sobre ele. Sua história seria contada e recontada nas escolas nossas crianças saberiam seu nome tão bem quanto o de Patrick Henry (AMISTAD, 1997).

Após quase dois anos presos os cativos foram libertos por meio da decisão da Suprema Corte que declarou que os africanos eram homens livres e com direitos. Após vencerem nos tribunais, os africanos voltam para a África. “Quase dois anos depois, a Suprema Corte americana declarou que os 35 africanos sobreviventes eram homens livres, tendo direito a se revoltar contra seus opressores.” (PINHEIRO, 2018, p. 34).

A vitória dos africanos, que durante muito tempo estiveram presos nos Estados Unidos enfrentando uma batalha judicial que chegou à Corte Suprema, resultou na divulgação não apenas da causa da liberdade, mas do direito ao retorno à terra de origem daqueles que o tráfico ilegal trazia às Américas (LIMA; SOUZA, 2008, p. 24).

A cena do retorno traz Cinqué aparece na proa do navio que conduz ele e os africanos livres de volta a África, usando roupas brancas, representando a paz e da pureza, ele olha para o horizonte com esperança, o céu azul traz tranquilidade e olhando em direção ao Sol. Mas apenas trinta e cinco dos africanos retornaram à sua terra natal; os outros morreram no mar ou enquanto aguardavam julgamento. “O grupo sobrevivente, cujos integrantes se identificavam como sendo do povo Mende de Serra Leoa, logrou voltar, junto a missionários que haviam se oferecido para acompanhá-los na reintegração à sua gente” (LIMA; SOUZA, 2008, p. 24).

Figura 6. Cinque voltando para Serra Leoa.



Fonte: AMISTAD, 1997.

No filme mostra a destruição da Fortaleza dos Lomboko por uma expedição da marinha Britânica em 1849, essa fortaleza que ficava em Serra Leoa, que na época era uma colônia da Inglaterra, mas quem comandava a fortaleza era os traficantes espanhóis. Lomboko era conhecida como fábrica de escravos, devido ser um entreposto onde ocorria a comercialização de uma grande quantidade de escravos. quando a história dos escravizados se torna exemplo para que futuramente fosse finalmente decretado o fim da escravidão nos Estados Unidos. “Em *Amistad*, os escravos libertados por britânicos, a fortaleza destruída com tiros de canhão e a música coral em tom vibrante demonstram um desejo de encerrar positivamente uma questão maior, cuja complexidade parece não caber no melodrama, que pede este padrão de conclusão” (PINHEIRO, 2018, p. 388).

Representações sociais no filme *Amistad*

O filme é emocionante, aborda diversos temas como as crueldades do tráfico negreiro, o funcionamento do sistema judiciário americano no século XIX e as lutas dos grupos abolicionistas contra os escravocratas do Sul, que queriam a manutenção da escravidão, pois eram agroexportadores e produziam algodão, tabaco e cana de açúcar. Os sulistas alegavam a importância dessa mão de obra para a economia do país e consideravam os escravizados como apenas força de trabalho ou objetos que podiam ser usados.

Já os abolicionistas do Norte dos Estados Unidos, eram contra a escravidão, pois acumularam capital durante o período colonial, criando, condições favoráveis para o desenvolvimento industrial, cuja mão-de-obra era assalariada, possuíam um discurso humanitário e viam nos cativos como um símbolo de esperança e de luta pela abolição.

Para Marquese e Salles (2016), os Estados Unidos era uma das maiores sociedade escravista e um dos maiores consumidores de itens produzidos por escravos. Estima-se que havia nesse país, aproximadamente, quatro milhões de cativos às vésperas da Guerra Civil, em sua maioria empregados na produção de algodão.

Um dos objetivos desse trabalho é entender as representações no filme. Osti e Silveira (2013) explicam que as representações são concepções dos sujeitos, grupo ou uma sociedade têm sobre determinado assunto, estando presente nas relações sociais e no conjunto de opiniões e comportamentos dos indivíduos, refletindo em sua conduta e valores. É um conjunto de crenças e ideias resultantes de um processo histórico de uma determinada sociedade.

Já para Sandra Jatahy Pesavento (2007), a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações. Como uma narrativa do passado, que fórmula versões compreensíveis, plausíveis, verossímeis sobre experiências que se passam por fora do vivido. O filme pode ser entendido como uma representação de um período histórico pela lógica atual, por meio da visão dos roteiristas, diretores e produtores.

Como documento histórico, remete a verdades históricas, não retratando com fidelidades os fatos ocorridos, mas trazendo elementos de verossimilhanças. “*Amistad* procura criar uma representação da Travessia do Atlântico, promovida como autêntica pelos envolvidos no filme. O fato de um cineasta selecionar um determinado assunto como tema de seu filme revela, no máximo, o interesse do diretor pelo tema” (PINHEIRO, 2018, p. 75).

No filme, percebe-se que a rainha da Espanha, de 11 anos, Isabel II, é representada como uma pessoa imatura para o cargo que exerce e que seguia as sugestões de mentores. Ela alegava a posse dos escravos, pois o navio era espanhol. Pelos tratados sobre os oceanos de 1775, pertencia a Espanha o navio e o que tinha nele. Caso ela ganhasse a disputa judicial mandaria matar os escravizados enforcados em Cuba devido a rebeldia e para servirem de exemplo para os outros não se rebelarem.

Figura 7. Rainha da Espanha, Isabel II, pulando na cama com sua boneca.



Fonte: AMISTAD, 1997.

A monarca da Espanha é representada como uma criança imatura. Algo compreensível, já que chegou ao trono ainda criança e como soberana não entendia o regime democrático, quando, em uma carta direcionada ao presidente dos Norte-Americanos, criticava a independência do judiciário dos Estados Unidos, achando inadmissível o presidente não ter controle sobre a Suprema Corte, chamado o judiciário americano de incompetente. O filme deixa claro que a monarca queria um judiciário em que ela poderia manipular. Na carta Isabella diz as seguintes palavras: “Como nações escravocratas, devemos juntos defender nossos princípios” (AMISTAD, 1997).

Essa atitude de não conhecer as questões políticas de países democráticos vinha da sua educação como rainha, já que sendo mulher não foi educada em assuntos políticos, mas em assuntos domésticos, religião e idiomas.

Outra questão que se pode perceber é que o filme faz uma propaganda da democracia norte-americana, é ressaltada os supostos valores norte americanos como democracia, liberdade e igualdade. O diretor e o roteirista seguem os mesmos padrões e dos filmes de Hollywood: a exaltação do modo das qualidades do país, como a democracia, e a enaltece a sociedade patriarcal estadunidense. Assim, a película mostra a diferença entre as concepções dos regimes monarcas e dos regimes democráticos, pois os monarcas querem controlar o judiciário, que em países democráticos é teoricamente, livre.

Os traficantes espanhóis José Ruiz e Pedro Montez, que compram os cativos em Cuba são representados como ambiciosos e agiam na ilegalidade, falsificando os recibos de compra e venda dos

cativos para fugirem da fiscalização inglesa. Eles tratavam os escravos como animais ou objetos de sua propriedade que podiam ser vendidos, castigados e mortos ao seu bel prazer.

O judiciário americano é representado como independente, que apesar de 7 dos 9 membros da Suprema Corte serem donos de escravos no Sul dos Estados Unidos, votaram a favor da libertação dos escravizados. Essa independência é percebida também quando a rainha da Espanha se queixa das decisões dos juízes nas cartas ao presidente dos Estados Unidos, o que mostra a democracia e a autonomia dos poderes no regime democrático. Os cineastas exaltam a democracia norte-americana e o modelo político do país e o judiciário “livre” e também o papel dos grupos abolicionistas para a libertação dos cativos.

A obra cinematográfica traz alguns elementos do cristianismo, quando os escravizados foram comparados de forma sutil a Jesus Cristo, um dos cativos viu na Bíblia as gravuras da crucificação de Jesus e relacionam a história com a deles. Em outra cena os escravizados são levados para o julgamento e passam por três mastros de um navio que simbolizavam as três cruzes na crucificação de Jesus.

Figura 8. Os cativos vendo as gravuras na Bíblia que conta a história de Jesus.



Fonte: AMISTAD, 1997.

O protagonista Cinque é representado, inicialmente, como um homem simples e pacífico que vivia na África, plantando arroz e vivendo em comunidade com a sua família. Mas, as circunstâncias fizeram um líder e um herói.

Parte da sociedade americana via os cativos do *La Amistad* como assassinos cruéis e frios, que tiveram a ousadia de matarem homens brancos. Esse sentimento era explorado por alguns jornais que faziam a cobertura do acontecimento, colocando os cativos como culpado com manchetes sensacionalistas. São exibidas manchetes diferentes para pessoas brancas como “O massacre no mar”. Já para as pessoas negras livres que sabiam ler a notícia é “Luta pela liberdade no mar”.

A religião africana também é apresentada, no momento em que o protagonista faz uma espécie de oração para os antepassados, pedindo força para passar pelas provações. Essa cena mostra que mesmo com todas as provações enfrentadas, ainda mantinha a fé na sua religião que cultuava os espíritos dos ancestrais. Outra ocasião foi quando um africano morreu na cadeia e eles queriam fazer o enterro de acordo com suas crenças ou a alma do morto irá assombrá-los.

Na comemoração da liberdade, feita com danças, músicas africanas e batidas de tambores em volta da fogueira. Muitas religiões africanas acreditam que a conexão com os antepassados era algo fundamental, pois esse vínculo fazia a coesão dessas sociedades e era uma forma de preservação da memória. Os mais velhos eram tratados com reverência e a fé religiosa compartilhada por eles entre seus membros.

A igreja católica, de certa forma, é representada como cúmplice da escravidão, pois no momento em que os escravizados foram embarcados havia um padre no navio os benzendo, mostrado a conveniência com o tráfico e com a escravidão. Assim, durante o processo de colonização a Igreja incumbia o colonizador, a tarefa de salvar, os africanos. Dessa forma, o cristianismo serviu como uma das principais bases ideológicas para legitimação da escravidão de africanos e indígenas americanos. A católica Igreja, nesse período representava a ideologia branca, a serviço da manutenção da ordem dominante.

Segundo Cardoso (2009), em 1455 o Papa Nicolau V promulgou a bula *Romanus Pontifex*, que permitia aos navegadores escravizar os infiéis negros. Dessa forma, legitimando os colonizadores, e todos que se instalaram nas Américas, a possuem escravos. De acordo com Pinheiro (2018), em 1993, o papa João Paulo II pediu desculpas pelo apoio da igreja à escravidão.

Figura 9. O padre benzendo os cativos no navio *Tecora*.



Fonte: AMISTAD, 1997.

No final do filme é representada a Inglaterra como uma nação que luta contra o tráfico negreiro e a marinha Britânica como libertadora e heroína, destruindo em 1849 a Fortaleza dos Lomboko, e libertando os cativos que estavam presos.

A película representa de certa forma com fidelidade os fatos ocorridos no navio espanhol *La Amistad*, apesar do protagonismo aos africanos, o filme não deixa de reproduzir a imagem do homem branco libertador, nos personagens do advogado e do ex-presidente, que aparecem como salvadores ao defenderem os negros nos tribunais. Assim, o filme é centrado na figura masculina, onde as mulheres praticamente não aparecem, a figura feminina que é a rainha Isabel II (Anna Paquin), é representada como uma monarca mimada, destacando a visão patriarcal dos cineastas.

Considerações finais

Esse artigo teve o objetivo de fazer uma análise das representações históricas utilizando o longa-metragem *Amistad* (1997), dirigido por Steven Spielberg, como documento histórico. Entende-se que o filme por meio da sua narrativa faz uma reinterpretação de um fato histórico real, que ocorreu na goleta *La Amistad* que fazia o tráfico de redistribuição nas Américas, ligando Cuba aos EUA.

A escolha dessa obra foi porque ela remete a um fato real histórico e trazer elementos sobre a sociedade da época como a crueldade do tráfico de escravizados no Atlântico, a concepção da sociedade sobre a escravidão, o movimento abolicionista, os interesses políticos e econômicos sobre o tema no período. “*Amistad* foi reconhecido como uma obra pioneira ao valorizar a subjetividade, a

inteligência e o caráter de personagens africanos escravizados, que em filmes anteriores eram retratados de formas estereotipadas” (PINHEIRO, 2018, p. 36).

Um filme como *Amistad*, por envolver um tema polêmico e complexo como o da escravidão e por advogar para si uma representação realista da Travessia do Atlântico, gerou uma pluralidade de manifestações, tanto nos meios de comunicação (jornais impressos e online, revistas, suplementos, emissoras de rádio e televisão), quanto no âmbito acadêmico, por parte de historiadores (PINHEIRO, 2018, p. 72).

Ao analisar as representações sobre os fatos e personagens históricos, percebe-se muitas questões como a exploração da mão de obra de pessoas negras e o papel dos próprios cativos na conquista da liberdade por meio da resistência, além da ação dos grupos abolicionistas. Apesar de ser um filme considerado fiel a maioria dos fatos históricos, os cineastas não contam a história dos negros após voltarem para a África, mostrando o interesse somente no que remete aos Estados Unidos.

Por meio da narrativa cinematográfica, é construída a imagem de Cinque, que passou de um homem simples para um herói e líder. A odisséia do protagonista causa identificação e empatia em quem assiste. Mas apesar de focar nos protagonistas, como Cinque, demonstra os debates acalorados que ocorriam no século XIX sobre o fim do tráfico e da escravidão, o que aparece nos tribunais nos argumentos do promotor que queriam a condenação dos cativos, por outro lado, aparece também o discurso humanitário dos grupos abolicionistas. Pinheiro (2018), dá sua opinião sobre o filme:

Um dos filmes esteticamente menos inspirados do diretor, *Amistad* tem como eixo principal esta narrativa em primeira pessoa: todo o filme é preparado para que ela se manifeste – um flashback, intervenção gritante do narrador, que corre quase na metade do filme - e após sua apresentação a trama é acelerada até o julgamento na Suprema Corte e o desfecho recheado de alívio com a destruição da fortaleza de escravos. Um alívio digno do melodrama, porém, com o plano de Cinque no navio que o conduz de volta à Serra Leoa, conforme apontamos, carregado com uma certa ambiguidade. O drama pessoal de Cinque e seus conterrâneos é legitimado porque ele próprio o protagoniza e o transforma em narrativa – daí a opção de abordar o episódio da revolta de escravos e do conflito entre Estados Unidos e Espanha a partir do relato do líder africano (PINHEIRO, 2018, p. 72).

Em relação aos fatos históricos, o filme se mostra relativamente fiel à historiografia, apesar da criação de diálogos e de personagens como o jornalista e abolicionista negro livre Joadson interpretado por Morgan Freeman. O filme traz elementos narrativos, dramáticos e as peculiaridades do cinema utilizam os elementos como planos, as fotografias, as trilhas e efeitos sonoros para a conquista do telespectador. A utilização de trilha sonora é um recurso assertivo, pois dá o tom dramático, envolvendo o telespectador e fazendo com que ele fique imerso na trama. Já a escolha das imagens de

flashbacks remete as lembranças da captura e da viagem, traz uma riqueza de elementos, simbolismos e auxilia na narração do roteiro.

Referências

1. Fílmicas

AMISTAD. Direção: Steven Spielberg. Produção de Dreamworks SKG e Home Box Office (HBO): Estados Unidos: Paramount, 1997. 1 DVD.

2. Bibliográficas

BLACKBURN, R. **A Construção do escravismo no Novo Mundo: do Barroco ao Moderno (1492-1800)**. Rio de Janeiro: Record. 2003.

CARDOSO, D. N.. Protestantismo & abolição no segundo império: a pastoral da liberdade. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 105-114, 2009. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/Caminhando/article/download/1068/1103>. Acesso em: 02.mai.2022.

COSTA, G. S. **A história antiga do cinema: Uma Análise do Filme Gladiador**. Revista Cantareira. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27990>. Acesso em: 07 maio. 2022.

COUCEIRO, L. A. Acusações atlânticas: o caso dos escravos num navio fantasma - Rio de Janeiro, 1861. **Revista de História**, [S. l.], n. 152, p. 57-77, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i152p57-77. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18997>. Acesso em: 7 jun. 2022.

FREYRE, G.. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Global Editora (Edição Digital). 2012.

GRADEN, D. O envolvimento dos Estados Unidos no comércio transatlântico de escravos para o Brasil (1840-1858). **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 35, 2007. DOI: 10.9771/aa.v0i35.21125. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21125>. Acesso em: 19 out. 2021.

GUIZELIN, G. da S.. A abolição do tráfico de escravos no Atlântico Sul: Portugal o Brasil e a questão do contrabando de africanos. **Almanack**, [S. l.], n. 5, 2022. DOI: 10.1590/2236-463320130507. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/13325>. Acesso em: 19 maio. 2022.

LAW, R. A comunidade brasileira de Uidá e os últimos anos do tráfico atlântico de escravos, 1850-66. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 27, 2002. DOI: 10.9771/aa.v0i27.21032. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21032>. Acesso em: 11 dez. 2021.

LIMA E SOUZA, M.. **Entre margens: o retorno à África de libertos no Brasil, 1830-1870**. 270 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2008.

LOPES, T. S.. **o Tráfico Atlântico e a Africanização do Brasil: uma abordagem histórica e uma prática pedagógica**. 2016. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e

Cultura Africana e Afro-brasileira). Departamento de História do CERES – Campus de Caicó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2016.

MARQUES, L. Um último triângulo notório: contrabandistas portugueses, senhores cubanos e portos norte-americanos na fase final do tráfico transatlântico de escravos, 1850-1867. *Afro-Ásia*, [S. l.], n. 53, 2016. DOI: 10.9771/aa.v0i53.22472. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22472>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MARQUESE, R.; SALLES, R. (Org.). **Escravidão e capitalismo histórico no século XIX**: Cuba, Brasil e Estados Unidos. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. v. 1. 322.

MILLER, J. C. O **Atlântico escravista**: açúcar, escravos e engenhos. *Afro-Ásia*, [S. l.], n. 19-20, 1997.

DOI: 10.9771/aa.v0i19-20.20946. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20946>. Acesso em: 11 dez. 2021.

OSTI, A.; SILVEIRA, C. A. F.; BRENELLI, R. P. Representações sociais– aproximando Piaget e Moscovici. **Schème-Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 5, n. 1, p. 35-60, 2013. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/22864/18339>. Acesso em:

06.mai. 2022.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. v. 1. p. 130.

PIMENTEL, M. DO R. Aspectos do cotidiano no transporte de escravos no século XVII: do sertão africano à costa americana. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 25, n. 2, p. 7-18, 31 dez. 1999.

PINHEIRO, F. L. F. **Cinema, melodrama e história em Steven Spielberg: da representação dos traumas aos mitos fundadores**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

São Paulo. 2018.

RIBEIRO, A. V.; SILVA, D. D. **O tráfico de escravos africanos**: novos horizontes (apresentação do dossiê sob o mesmo nome). **TEMPO (NITERÓI. ONLINE)**, v. 23, p. 1, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tem/a/sW4gvxsV7wT3KkYKXZqXB5d/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21.jan.2022.

RODRIGUES, J., **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)**. São Paulo, Cia. das Letras 2005.

RODRIGUES, Jaime. Navio Negroiro. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, V. M. **Primeiro como tragédia, segundo como farsa**: escravidão, abolição e democracia racial na Literatura de Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins e Ferréz. 2022. Tese (Doutorado em Letras) -Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução por Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUZA, É. C. de. Cinema, Cultura Histórica e Didática da História: repensar a relação entre filmes e conhecimento histórico. **RTH**], Goiânia, v. 12, n. 2, p. 202–229, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/33425>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SOUZA, T. T. B. A. DE. Escravidão Interna na África, antes do Tráfico Negroiro. **Revista Vértices**, v. 5, n. 2, p. 11-24, 11. 2003. Disponível em: <https://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20030007> Acesso em: 11. mai. 2022.

ZEUSKE, M.; MARTINEZ, O. G. **A revolta dos escravos na escuna Amistad: Ramón Ferrer e as redes de contrabando no mundo Atlântico**, Havana, Ediciones Unión, 2012.